

Espaços de comunicação intercultural: o caso da plataforma de dados Brasileiros no exterior ¹

Camila ESCUDERO²

Otávio ÁVILA³

Adriana Cristina Alves do AMARAL⁴

Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

Este texto reflete sobre o conceito de Comunicação Intercultural (CIC) a partir do conteúdo publicado e prática dos trabalhos realizados na plataforma de dados Brasileiros no Exterior, projeto de caráter prático-extensionista que tem como proposta servir como um tipo de “observatório” dos cidadãos do Brasil que vivem em outros países, população estimada em 4,9 milhões de pessoas, em 2023. A partir da utilização de pesquisa-ação, considera-se que a CIC é contemplada no projeto, uma vez que ao criar e trabalhar pela construção de um banco de dados temático de acesso público e gratuito sobre a temática da emigração brasileira, acaba por dar visibilidade às origens e condições de vida da diáspora brasileira, suas formas de interação e organização social, seus tipos de vínculos transnacionais, além de fomentar uma rede de pesquisadores.

Palavras-chave: Comunicação Intercultural; Brasileiros no exterior; Fluxos de informações internacionais; Pesquisa-ação.

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente-pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, e-mail: camilaescudero@uol.com.br.

³ Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Assistente de pesquisa na Plataforma de Dados Brasileiros no Exterior, e-mail: otavioczav@gmail.com.

⁴ Jornalista e mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da mesma instituição, e-mail: adrianacristinaalvesdoamaral@gmail.com.

Introdução

O objetivo principal deste trabalho é refletir sobre o conceito de Comunicação Intercultural (CIC) a partir do conteúdo publicado e prática dos trabalhos realizados na plataforma de dados sobre a temática da emigração brasileira Brasileiros no Exterior⁵. O projeto – de caráter prático-extensionista desenvolvido no contexto da pesquisa acadêmica – tem como proposta criar um banco de dados de acesso público, gratuito e atualizado, com informações sobre o deslocamento de brasileiros pelo mundo, as origens e condições de vida da diáspora, bem como suas interações com o Brasil, a partir da perspectiva transnacional.

O presente texto é fruto de pesquisa-ação, de abordagem qualitativa e natureza exploratória, que tem por finalidade “possibilitar aos sujeitos da pesquisa, participantes e pesquisadores, os meios para conseguirem responder aos problemas que vivenciam com maior eficiência e com base em uma ação transformadora” (PICHETH; CASSANDRE; THIOLENT, 2016, p. s4).

O conceito de Comunicação Intercultural

Desde os anos 1990, o conceito de Comunicação Intercultural (CIC) vem sendo aplicado com mais intensidade nos estudos migratórios, muito por conta de sua capacidade de auxiliar na compreensão dos processos de deslocamento humano, sobretudo no nível das dinâmicas das identidades culturais envolvidas. Isso porque, acredita-se que tem potencialidade para atuar na minimização dos impactos negativos da homogeneidade e/ou da segregação informacional dentro de processos globalizados e, quando direcionado a temáticas diaspóricas, dão visibilidade à mobilização social, econômica, política e cultural de seus membros.

Assim, autores da área da comunicação e migração, como Escudero (2017), Ávila, (2022), ElHajji (2023), ElHajji, Cogo e Brignol, (2012), Cogo (2015), entre tantos outros, têm mostrado, por meio de suas pesquisas, que a CIC pode servir como um recurso simbólico capaz de revelar estruturas não-fixas de indivíduos e grupos em situação de

⁵ Disponível em: <https://www.brasileirosnoexterior.org>.

deslocamento em territórios receptores, originários de diferentes tipos de sociedades (rural ou urbana, agrária ou industrial, central ou periférica etc.), com distintas tradições (hábitos, costumes), religiões e instituições políticas, evidenciando modos de organização social e práticas comunicativas.

Tal uso e aplicação da CIC, evidentemente, em um primeiro momento vai de encontro ao próprio conceito de interculturalidade, desenvolvido especialmente por Canclini (2005), na área da Antropologia. De acordo com o autor, o termo remete à mistura de sujeitos e sociedades, ou seja, ao que acontece quando as diferenças se encontram, convivendo em situações de negociações e trocas recíprocas. Tal situação ganha relevância não só dentro de uma etnia ou nação, mas em “circuitos globais, superando fronteiras, tornando porosas as barreiras nacionais ou étnicas e fazendo com que cada grupo possa abastecer-se de repertórios culturais diferentes (CANCLINI, 2005, p. 43)”, em uma reelaboração intercultural do sentido de práticas subjetivas e culturais.

E, em um segundo momento, porém, de modo simultâneo, envolve conceitos clássicos da área da Comunicação Social, principalmente em uma perspectiva latino-americana da Comunicação para a Transformação Social (*Comunicación para el Cambio Social – CCS*, em espanhol). Para Gumucio-Dagron (2011), a CCS é um processo vivo que implica em: 1) participação comunitária e apropriação dos meios; 2) identidades linguísticas e pertencimento cultural; 3) geração de conteúdo próprio e locais; 4) uso de tecnologia adequada à realidade dos envolvidos; e 5) organização e parceria convergentes com redes de interesse.

De acordo com Martín-Barbero, a verdadeira proposta do processo de comunicação não está no conteúdo das mensagens, nem nos instrumentos tecnológicos (canais transmissores de informação), mas nos modos de interação que o próprio meio transmite ao receptor. É assim que a comunicação assume um sentido de prática social que abarca, entre outros elementos, a produção cultural. “O eixo do debate deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para a pluralidade de matrizes culturais” (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 55).

Seguindo essa mesma linha, Sodré (2014) defende que a comunicação não deve ser reduzida a uma “dimensão antropomórfica”, consciente, verbal, com foco na relação emissor-receptor, na troca de informação e na prática discursiva. Isso, na opinião do autor, deixaria escapar a complexidade do processo comunicativo e do próprio significado

original do termo comunicar – que seria “vincular, relacionar, concatenar, organizar ou deixar-se organizar pela dimensão constituinte, intensiva e pré-subjetiva do ordenamento simbólico do mundo” (SODRÉ, 2014, p. 9).

Nesse sentido, após revisão de literatura realizada em outro estudo (ESCUADERO, 2019), chegamos ao conceito de CIC – e adotado no presente trabalho – como modos e práticas de comunicação entendidas “não somente a partir de seu alcance instrumental, de veiculação, transmissão e/ou representação, mas principalmente, em seu sentido de vinculação sociocultural, interação simbólica e produção subjetiva” (ESCUADERO, 2019, p. 750).

O Brasil como um país de emigração

Sabe-se que o Brasil foi reconhecido ao longo de sua história como um país de imigração pela chegada dos estrangeiros que contribuíram na formação da sua identidade nacional (RIBEIRO, 1995; LESSER, 2001). Foi apenas nos anos de 1980, com o surgimento de importantes fluxos migratórios brasileiros para fora do país – especialmente para os Estados Unidos e Japão –, que a emigração passou a ser uma característica importante no que diz respeito à posição geopolítica Brasil nos deslocamentos humanos. Esse início, de acordo com a literatura (BRASILEIROS, 2024), foi motivado pela estagnação econômica e desemprego (fim do Regime Militar e do “milagre econômico”), associados ao aumento das facilidades de transporte e informação, num contexto emergencial de mundialização e globalização do planeta.

Ao longo do tempo, questões de ordem transnacionais foram moldando as características desse processo. Do lado do Brasil, a importante contribuição financeira dos emigrantes com as remessas pessoais enviadas para familiares que aqui ficaram e o impacto dos casos de discriminação contra brasileiros no exterior chamam a atenção da sociedade e do Estado local. Já por parte dos emigrantes espalhados pelo mundo, a formação de grupos auto-organizados – as chamadas comunidades de brasileiros no exterior – se mostraram essenciais não apenas para a diversidade de países escolhidos pelos brasileiros como destino, mas, também, na formação de uma rede de apoio em diversos aspectos como busca por trabalho, moradia, educação, documentação e regularização do status migratório, adaptação ao novo território e à nova cultura, bem

como participação social e visibilidade, além da manutenção de vínculos identitários e afetivos.

Antes de avançar, importante destacar que entendemos essas questões de “ordem transnacional” a partir do conceito de transnacionalismo trabalhado por Schiller, Basch e Blanc-Szanton (1992). Segundo as autoras, na década final dos anos 1900, um novo tipo de população imigrante emerge, conectada a partir de redes, atividades e parceiros – físicos e virtuais – que envolvem suas vidas do local de origem e do local de acolhida em um único campo social. Isso nada mais seria que o transnacionalismo, processo pelo qual é construído um campo social que une o país de origem e o país de destino. Ainda para as autoras, nesse campo, os migrantes desenvolvem e mantêm múltiplas relações – familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas – para além das fronteiras. Ou ainda: tomam ações, decisões, preocupam-se, e desenvolvem identidades com as quais formam uma rede de conexão que abrange dois ou mais países.

Hoje, estima-se que haja a 4.996.951 brasileiros vivendo no exterior (MRE, 2024), quantidade quase três vezes maior que a estimativa de imigrantes internacionais vivendo no país, que é de 1,3 milhão de pessoas, segundo o Observatório das Migrações Internacionais – OBMigra (Cavalcanti; Oliveira; Silva, 2021). Os países de maior concentração são: Estados Unidos (2 milhões), Portugal (513 mil), Paraguai (263 mil), Reino Unido (230 mil) e Japão (210 mil).

Quanto ao perfil da população emigrante brasileira atual, este é heterogêneo e muito relacionado às condições sociais e econômicas vividas pelo Brasil, hoje, e características do país de destino como, por exemplo, a legislação para regularização do imigrante e vínculos históricos ou sociais. A questão do trabalho e a busca por melhores condições de vida ainda são os fatores predominantes de motivação da emigração. Além disso, as condições financeiras para o deslocamento e o cumprimento das exigências legais para a entrada e fixação no país de destino se mostram determinantes, não só para moldar o perfil da comunidade brasileira no exterior, mas para a compreensão das suas necessidades (OIM – BRASIL, 2021, p. 14).

Mesmo com todo esse contingente e potencialidade dessa população para o desenvolvimento sustentável do país de origem e de destino, há ainda poucos estudos sobre o tema e atenções voltadas para essas questões, se comparado, com o cenário da imigração internacional para o Brasil. Além disso, os próprios números apontados acima são uma estimativa, calculados com base no atendimento prestado pela rede consular

brasileira, sob a coordenação do Ministério das Relações Exteriores – Itamaraty; em outras palavras: não reflete a realidade, ainda mais se considerado o número de brasileiros que migram em situação irregular para alguns países. Por fim, há carência de políticas públicas para os brasileiros no exterior, que ainda enfrentam grandes desafios, conforme apontado em estudo anterior (ESCUDERO; BRUM, 2023).

A plataforma de dados Brasileiros no Exterior

A Plataforma de dados Brasileiros no Exterior começou a ser desenvolvida em agosto de 2022 e foi lançada em fevereiro de 2023. É parte integrante da pesquisa acadêmica *Brasileiros no exterior: As redes de comunicação na identificação do perfil, condições de vida, formas de organização e de construção das identidades*, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo⁶.

A premissa é que a plataforma funcione como um tipo de “observatório”, de caráter livre e público, dos brasileiros no exterior. Em formato de *website* virtual, com domínio e identidade visual próprias, foi construída e é alimentada e atualizada de forma permanente pela equipe do projeto – graduandos, pós-graduandos e pesquisadores colaboradores – com dados públicos já existentes e a partir de futuros dados obtidos conforme desenvolvimento do projeto de pesquisa – na qual a iniciativa está vinculada. Tem dois objetivos principais: 1) Sistematizar, organizar e dar visibilidade aos dados que envolvem a presença de brasileiros no exterior; e 2) Servir como ponto de apoio na articulação de emigrantes e líderes comunitários, pesquisadores, organizações da sociedade civil (OSCs) e esferas governamentais envolvidos com a temática.

Pretende-se, dessa forma, estimular a realização de pesquisas teóricas e empíricas, interdisciplinares, de perspectiva transnacional e intercultural, que explorem o perfil da comunidade emigrante no exterior, suas características, demandas, formas de organização e atuação social e econômica, estruturação em redes, práticas culturais, políticas públicas, inovação e impacto, bem como questões relacionadas ao desenvolvimento sustentável (BRASILEIROS, 2024).

⁶ A pesquisa está registrada no Comitê de Ética de Pesquisa – Plataforma Brasil, sob o CAAE: 67323423.2.0000.5508 e número do parecer: 6.056.881. Periodicamente, tem recortes submetidos a agências de fomento, como Fapesp e CNPq, para obtenção de auxílios financeiros.

Desde seu lançamento, a plataforma já passou por duas macro-atualizações, definidas como Versão 1.0 e Versão 2.0, esta última realizada em fevereiro de 2024 e que configura a versão atual, analisada para este estudo. Entre conteúdo e ações contribuem para a dinâmica dos trabalhos, coleta e visibilidade das informações, destacamos:

- 1) A disponibilização de uma base de dados aberta, pública e sistematizada, com informações sobre quantidades de brasileiros por países e período; sobre diáspora acadêmica (ou estudantil) brasileira por país, período e modalidade; sobre a participação econômica e política dos brasileiros no exterior em relação ao país de origem, entre outras (nascimento de brasileiros no exterior, número de deportações e repatriações etc.).
- 2) A elaboração e publicação por parte da equipe de artigos científicos sobre a temática dos brasileiros no exterior em periódicos científicos qualificados, frutos de pesquisas inéditas relacionadas à produção e sistematização dos dados da plataforma.
- 3) A apresentação de trabalhos e estudos sobre o tema da emigração brasileira em eventos acadêmicos nacionais e internacionais, especialmente das áreas de Comunicação e Migração. Além disso, registra-se a organização e realização de simpósios acadêmicos que reúnem pesquisadores sobre tema.
- 4) A constituição de uma rede colaborativa de trabalho. Em junho de 2023, foi criado o *Comitê Internacional de Apoio Técnico e Científico (CIATEC)* da *Plataforma de dados Brasileiros no Exterior*. O grupo tem o objetivo de assessorar com ideias de pesquisas, ações e conteúdo o funcionamento da plataforma representar o projeto em eventos nos seus países de destino, bem como participar de estudos conjuntos e produções de artigos, livros etc. Integram essa formação inicial do Comitê (com duração prevista de três anos) pesquisadores do Brasil, Portugal, Estados Unidos, Japão e Áustria.
- 5) A celebração de parcerias de apoio com instituições formais ligadas diretamente à temática. Exemplo: Organização Internacional para as Migrações (OIM) – Escritório Brasil, Conselho de Representantes Brasileiros no Exterior (CRBE), Casa do Brasil de Lisboa, Plataforma MIRE – Migração e Refúgio na Infância e Adolescência, entre outros.

-
- 6) A criação e manutenção das redes sociais virtuais da plataforma – Facebook, Instagram e Twitter –, um canal no YouTube (com produções iniciais em português e inglês)⁷ e um boletim informativo gratuito enviado mensalmente a um *mailing* de assinantes mediante cadastro de e-mail.

Reflexões propostas por este estudo

Três aspectos principais nos levam a entender a plataforma de dados Brasileiros no Exterior como um espaço dinâmico, colaborativo e orgânico de prática da CIC.

O primeiro se refere a sua capacidade de identificar e visibilizar aspectos relacionados à presença dos brasileiros no exterior, bem como as formas e possibilidades de organização do grupo no que diz respeito a interações socioculturais, econômicas e políticas no país de destino, por meio dos fluxos de informações proporcionados. De acordo com ElHajji (2023), são as estruturas comunicativas do grupo – no caso deste estudo, dessas comunidades de brasileiros espalhadas pelo mundo – que, além de garantir sua coesão interna, enunciam a sua singularidade em relação a outras formas e formações sociais e, por isso mesmo, possibilitam sua apreciação e seu reconhecimento mútuos. “A comunicação intercultural constitui, assim, ao mesmo tempo, a interface simbólica por meio da qual ocorrem todas as trocas sociais e humanas entre grupos e coletividades em contato, e é, inversamente, fruto desses mesmos contatos e trocas” (ELHAJJI, 2023, p. 84).

O segundo se relaciona ao estabelecimento, por meio de seu conteúdo e ações, de ‘lugares’ de exterioridade e construções de narrativas alternativas, uma vez que dados sistematizados e consistentes tendem a promover um debate público de qualidade e apoiar narrativas mais realistas sobre a emigração brasileira, que suplantem imagens difundidas em análises parciais ou preconceitos pouco fundamentados. Segundo Cogo (2015), a CIC está em permanente consonância com as demandas relacionadas à diversidade cultural dos processos migratórios. Ao ser “assumida e gerida nos limites e nas possibilidades que implica para os sujeitos que conformam esses contextos”, traz o maior conhecimento não só da cultura envolvida, mas, também de outras, estimulando o desenvolvimento de fatores como a tolerância e o respeito ao próximo (COGO, 2015, p. 114).

⁷ Youtube: [brasileirosnoexterior_dados](#); Instagram: [brasileirosnoexterior_dados](#); Twitter: [@brasil_emigra](#); e Facebook: [100090525996433](#).

Por fim, como terceiro destacamos a rede colaborativa de caráter internacional envolvida no desenvolvimento dos trabalhos, favorecendo a vinculação de pessoas interessadas no tema, bem como a exploração de novos olhares e perspectivas a partir localizações e contextos diversos. Para Alsina (1999), a CIC é a comunicação entre pessoas que, tendo referências culturais díspares permite o questionamento de atribuições de valores e sentidos às coisas, às ideias ou às práticas e interações culturais. “Dessa maneira, coloca-se a centralidade no sentido, entendendo que a comunicação é uma convenção, um acordo (tácito ou não) sobre um sentido determinado” (ALSINA, 1999, p. 5 – Tradução livre).

Referências

ALSINA, M. R. **La comunicación intercultural**. Anthropos, 1999.

BASCH, L.; BLANC-SZANTON, C; SCHILLER, N. G. Transnationalism – A new analytic framework for understanding migration. **Annals New York Academy of Science**, Vol.645, p.1-24, 1992. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1749-6632.1992.tb33484.x/abstract>. Acesso em: 23 mar. 2024.

BRASILEIROS NO EXTERIOR – PLATAFORMA DE DADOS. Disponível em <https://www.brasileirosnoexterior.org>. Acesso em 20/04/2024.

PICHETH, S. F.; CASSANDRE, M. P.; THIOLENT, M. J. M. Analisando a pesquisa-ação à luz dos princípios intervencionistas: um olhar comparativo. *Educação (Porto Alegre)*, v. 39, n. esp. (supl.), s3-s13, dez. 2016

ÁVILA, O. C. **Autorepresentação, performatividade e testemunho na Internet: a webdiáspora deslocada para a visibilidade do self migrante**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2022.

CANCLINI, N. G. **Diferentes, Desiguais e Desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

COGO, D. Comunicação e diversidade: Cenários e possibilidades da Comunicação Intercultural em contextos organizacionais. In: MOURA, C. P.; FERRARI, M. A. (Orgs.). **Comunicação, interculturalidade e organizações: faces e dimensões da contemporaneidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. p. 97-116.

COGO, D., ELHAJJI, M.; HUERTAS, A. (Eds.). **Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais**. Belaterra: Instut de la Comunicació de la Universitat Autònoma de Barcelona, 2012.

ELHAJJI, M. **O intercultural migrante: teorias & análises**. Porto Alegre: Fi, 2023.

ESCUADERO, C. **Comunidades em festa**: a construção e expressão das identidades sociais e culturais do imigrante nas celebrações das origens. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, 2017.

ESCUADERO, C. A voz da mulher imigrante no debate público sobre o ‘Projeto pró-cesárea no SUS’ em São Paulo a partir da perspectiva da comunicação intercultural. *Revista Eletrônica De Comunicação, Informação & Inovação Em Saúde*, 13(4), 2019. <https://doi.org/10.29397/reciis.v13i4.1850>.

ESCUADERO, C.; BRUM, A. G. Encceja no exterior: Interações, complexidade e desafios de uma política pública intersetorial na dinâmica da emigração brasileira, 2023. *REMHU, Revista Interdisciplinar Da Mobilidade Humana*, 31(69), 129-151.

GUMUCIO-DAGRON, Alfonso. Comunicación para el cambio social: clave del desarrollo participativo. *Signo y Pensamiento*, 58 (XXX), pp. 26-39, 2011.

LESSER, J. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2001.

MARTÍN-BARBERO, J. **De los medios a las mediaciones – Comunicación, cultura e hegemonía**. México: Editorial Gustavo Gilli, 1991.

MRE – Ministério das Relações Exteriores (2024). **Comunidade brasileira no exterior**: Ano-base 2023. Brasília: Secretaria de Comunidades Brasileiras e Assuntos Consulares e Jurídicos.

OIM BRASIL - Organização Internacional para as Migrações – Brasil. *Empoderando a diáspora sul-americana como agente do desenvolvimento sustentável*. Brasília: OIM, 2021. Disponível em <https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbdl1496/files/documents/brasil-empoderando-diaspora.pdf>. Acesso em 25/09/2024.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

SODRÉ, M. **A ciência do comum: Notas para o método comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2014.